

NEGAÇÃO E LEGITIMAÇÃO DA PSICANÁLISE EM *A CASA DOS BUDAS DITOSOS*, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Jhonatan Leal da Costa (UFPB)¹

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB)

Resumo: Ensejamos perceber a maneira paradoxal como *A casa dos budas ditosos*, ao mesmo tempo em que nega a psicanálise, também a legitima: tudo através dos atos de fala de sua protagonista. Para tal empreitada, faremos uso dos estudos defendidos por Sigmund Freud (2016), Elisabeth Roudinesco (2000), Daniele John (2015), dentre outros. Em nossas considerações, apresentaremos questões relacionadas à enredo, elaboração e temporalidade psicanalítica.

Palavras-chave: Psicanálise. Erotismo. João Ubaldo Ribeiro.

Das ambivalências

O trabalho que por ora se apresenta surge como uma tentativa de diálogo com o simpósio de número 55 do Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC, no ano de 2018. Intitulado de “O império do sexo: gozos literários, leituras psicanalíticas”, o simpósio propõe reflexões sobre como as representações ficcionais de práticas sexuais reverberam na cultura, na história, na subjetividade, nos discursos, e nas dimensões inconscientes pelas quais se constitui o sujeito.

Obedecendo a este recorte discursivo, ensejamos, nesta oportunidade, trilhar, dentro das limitações de tempo e espaço impostas por um artigo acadêmico, as veredas pornográficas abertas pelo baiano João Ubaldo Ribeiro, mais especificamente, através das linhas perversas de *A casa dos budas ditosos*, obra encomendada pela editora Objetiva para a categoria “Luxúria”, da Coleção Plenos Pecados, publicada em 1999.

Relato de 163 páginas, escrito em primeira pessoa, *A casa dos budas ditosos* é apresentada por Ubaldo, no prefácio do livro, como a transcrição de um depoimento recebido por ele em seu local de trabalho.

¹ Mestre em Literatura e Interculturalidade pela UEPB. Doutorando em Letras, na linha de Literatura e Psicanálise, pela UFPB. Contato: jhonatan_leal@hotmail.com.

Ainda que saibamos das estratégias narrativas e dos pactos ficcionais engendrados na concepção de obras literárias, capazes de, conforme já o fizeram autores como José de Alencar e Machado de Assis, elaborar prefácios que são em si mesmos matérias de ficção, não nos interessa, nesta pesquisa, esmiuçar as técnicas utilizadas em literatura para aproximar o leitor da narrativa literária.

Nesse sentido, o testemunho impresso nesse depoimento, retalhado por lembranças e reflexões sobre a infância, a juventude e a maturidade daquela que narra, será compreendido, nesta ocasião, como a verdade psíquica desse sujeito representado: uma idosa beirando os 70 anos, baiana, que no presente da diegese reside no Rio de Janeiro e carece do desejo de alicerçar, através da fala, eventos, recordações, ideias, pensamentos, impressões e pontos de vista para compartilhá-los com o Outro.

Como as ideias duras e negativas que ela possui em relação à Freud e a psicanálise, expostos, em diferentes passagens, ao longo de todo o livro: “E, quanto a Freud, deixou essa herança desarvorada de falantes nebulosos e nervosos, que praticam seitas obscuras e dedicam as vidas à infelicidade palavrosa” (RIBEIRO, 2001, p. 142).

Como o fio que costura e unifica o relato e as experiências desta senhora, estão o sexo e a pornografia, surgidos como temas e formas centralizadoras do dizer despudorado dessa mulher que, apesar de estar à beira da morte, assegura que partirá satisfeita, pois, enquanto viva, quebrou quase todos os tabus a respeito da sexualidade.

Com um aneurisma cerebral, essa idosa reconstrói sua biografia resgatando lembranças, suas e de outros, que envolvem incesto, lesbiandade, sexo grupal, adultério, pedofilia e zoofilia, narrando como se apenas a fala fosse capaz de curá-la. Não a cura de sua doença fisiológica. Mas a *cura pela fala* batizada por Anna O. e reverberada por Sigmund Freud e Josef Breuer em *Estudos sobre a histeria* (2016).

Sendo assim, determinamos como principal objetivo, para este trabalho, compreender a maneira paradoxal com que *A casa dos budas ditosos*, ao mesmo tempo em que nega a psicanálise, também a legitima: tudo através dos atos de fala de sua protagonista.

Para tal empreitada, em um primeiro momento, daremos voz a estudiosos como Elisabeth Roudinesco (2000), Ricardo Goldenberg (2006), Denise Maurano (2010) e o próprio Sigmund Freud (2010), para entendermos algumas das motivações por trás de discursos que deslegitimam a psicanálise. Em seguida, apresentaremos as teorias

defendidas por Daniele John (2015) a respeito da narrativa na clínica psicanalítica para assimilarmos os modos como a referida obra de João Ubaldo Ribeiro também tende a legitimar a psicanálise.

Desse modo, a análise deste artigo se deterá em perceber a maneira como a narrativa proferida pela protagonista de *A casa dos budas ditosos*, ao mesmo tempo em que nega a psicanálise no plano do enunciado, a legitima no campo da enunciação, ao se aproximar dos modos como os sujeitos (re)constroem suas histórias e experiências em divãs de psicanalistas.

Nas considerações, exporemos resultados que nos levam a refletir que, mais do que negar ou legitimar a psicanálise, a literatura pornográfica em tela denuncia o mal-estar imperado em nossos tempos. Tempos das forças de Eros, de Narciso, do temor a solidão, do vivido que não tem como ser mensurado, do experienciado que precisa ser dito, dos afetos sufocados pelas dimensões do indizível e pela necessidade de se fazer existir através da fala.

Falam bem, falam mal, falam de mim

A psicanálise sofre ataques e enfrenta posições antagônicas desde a sua fase embrionária. Os adjetivos negativos que em geral lhe atribuem frequentemente se direcionam, também, à figura de seu criador, como se atacar a pessoa de Freud fosse suficiente para desmerecer a própria linha clínico teórica elaborada por ele.

Em artigo publicado em 1925, intitulado “As resistências à psicanálise”, Freud (Cf.: 2011, pp. 253-4) responde os seus perseguidores sem levantar-se da poltrona por detrás do divã: argumenta que, por alguma razão ainda não estudada, as pessoas tendem a reagir de maneira negativa em relação ao que é novo. Defende que no trabalho científico não deveria haver lugar para temor ao desconhecido, e reconhece que a psicanálise, mesmo depois de 30 anos de seu surgimento, ainda amargurava, por parte do público, uma acolhida particularmente ruim.

Freud detalha que, em princípio, a psicanálise foi apenas um tratamento terapêutico que buscava novos métodos para lidar com as enfermidades neuróticas, mas que não tardou a crescer e estabelecer uma nova base para a compreensão da vida psíquica, adquirindo importância para todas as áreas do saber fundamentadas na psicologia. “Após

ser completamente ignorada por uma década, de repente a psicanálise tornou-se objeto do interesse geral – e desencadeou uma tempestade de rejeições indignadas” (FREUD, 2011, pp. 254-5).

Em conformidade ao que expusera Freud há quase 100 anos, vários são os estudiosos – dentre eles historiadores, sociólogos, filósofos e psicanalistas – que denunciam a perseguição e as motivações pelas quais a psicanálise é, até hoje, negatizada por grupos, correntes, sujeitos e discursos.

Para Ricardo Goldenberg (Cf.: 2006, p. 17), a psicanálise sempre tivera dificuldade em ser aceita pelas mais diferentes correntes políticas, ainda que ela nunca tenha buscado essa aceitação. Para ele, os socialistas acusaram os psicanalistas de fazerem o jogo da burguesia, fornecendo bem-estar privado a preço de ouro, enquanto os conservadores de direita, por outro lado, tinham dificuldade em confiar numa prática que questiona toda forma de idealismo, incluindo os ideais de pátria, de família, de tradição e de propriedade.

A psicanálise é “tomada por subversiva durante as ditaduras, e tachada de reacionária na era dos grandes ideais”, reflete Goldenberg (2006, p. 38). Ao se recusar a apontar salvadores da pátria, se estreitar a partidos políticos, e a defender caminhos onde se encontraria o “Bem”, a psicanálise, que reconhece os altos níveis de subjetividade contidos em cada uma dessas questões, passa a ser erroneamente compreendida como apolítica ou a ser injustamente percebida como defensora do status dominante.

No campo da psicologia, estudiosos da TCC (Terapia Cognitivo Comportamental) publicaram em 2005, na França, *O livro negro da psicanálise*, com o subtítulo de “Viver e pensar melhor sem Freud”, publicado, no Brasil, pela Civilização Brasileira. Em um dos artigos desse volume, Borch-Jacobsen (2014, p. 41), ao analisar o caso de Anna O., em tom de revelação, afirma que “a famosa *talking cure*, modelo original de todos os tratamentos analíticos do mundo, foi um fiasco total e Breuer sabia muito bem disso”.

A história de Bertha Pappenheim, eternizada pelo pseudônimo de Anna O., viria a se tornar lendária e, ao contrário do que deixa a entender Borch-Jacobsen, não é ignorada pelos psicanalistas. Elisabeth Roudinesco (2000, p. 27), por exemplo, reconhece que não podemos atestar se Bertha, de fato, foi curada de seus sintomas histéricos através dos procedimentos de Breuer. Roudinesco reforça que a própria Bertha, mesmo após não ser mais afligida por seus sintomas, nunca se pronunciou publicamente a respeito dos benefícios da psicanálise em sua vida.

Mas na trincheira contra a psicanálise, também são apontadas, tanto pela TCC quanto pelas demais terapias em moda na contemporaneidade (como os serviços de *coaching*), o prolongado tempo de seu tratamento e a necessidade de fazer o paciente retomar eventos do passado.

Em lugar das paixões, a calma, em lugar do desejo, a ausência de desejo, em lugar do sujeito, o nada, e em lugar da história, o fim da história. O moderno profissional de saúde – psicólogo, psiquiatra, enfermeiro ou médico – já não tem tempo para se ocupar da longa duração do psiquismo, porque, na sociedade liberal depressiva, seu tempo é contado. (ROUDINESCO, 2000, p. 41).

É o que corrobora Daniele John (2015, p. 20), ao alegar que algumas práticas “terapêuticas inserem-se aí nessa mesma alegação, afirmando diferenciarem-se da psicanálise justamente por forcarem o trabalho no agora. Curiosa formulação essa de que seria possível pensar um sujeito feito só de presente!”

Sempre em movimento, o sujeito, aos olhos da psicanálise, passa a ser marcado pela passagem do tempo se referindo a todas as *cenar*s que constituem a sua vivência, elaborando uma história que está em constante processo de construção, reconstrução, desconstrução e ressignificação. Nesse sentido, ao longo do tempo, um sujeito “ocupa diferentes posições em relação a sua história, tem acesso a novos níveis de compreensão que vão dando a ele outros recursos para poder *contar-se*”, explica Daniele John (2015, p. 38).

Nesse processo, o ato de ressignificação, conforme John (2015, p. 56), “não é o mesmo que trazer algo para o campo representacional pela primeira vez, mas refere-se a dar novo sentido a algo que já estava lá”. Dessa forma, a análise não se coloca, ao contrário do que acreditava Foucault, como uma substituta da confissão católica, pois se no confessional admitimos o que já sabíamos, na análise dizemos o que ainda não sabíamos ao nosso próprio respeito.

Falar, contar, escolher as palavras, ser escolhido por elas, recordar, integrar, digerir, assimilar e elaborar, são operações fundamentais no trabalho psicanalítico desde os seus primórdios, conforme já expunham Freud e Breuer ao tratarem da *ab-reação*. Feita de restos, de imagens, de buracos, e de ficções, as narrativas dos que se dispõem a deitarem no divã psicanalítico trazem muito da forma e do conteúdo dos relatos, depoimentos e desabaços dos que ainda insistem em negar a psicanálise.

A cura pela fala

“Essa noite eu tive um sonho. Grande bobagem, nada disso. Não era assim que eu queria começar, não é assim. Essa noite eu tive um sonho – parece diário de colégio de freiras, eu tive um sonho. Um sonho inesperado, com aqueles dois budazinhos ali” (RIBEIRO, 1999, p. 13), inicia o relato da narradora de primeira pessoa de *A casa dos budas ditosos*.

O sonho revelado por ela bem que poderia ser passível de análise psicanalítica: sonhara com dois budazinhos que comprara em um camelô, mas não demorou a associá-los a um texto que havia lido sobre dois budas, “um macho e uma fêmea fazendo sexo”. A cadeia de eventos associativos continua, e a narradora se lembra que, em algum lugar, havia uma espécie de templo chamado a Casa dos Budas Ditosos, onde os noivos, antes do casamento, iam lá para venerar as estátuas e passar as mãos nos órgãos genitais delas.

Se, conforme ensinara Freud (2001, p. 135) a respeito do método da interpretação dos sonhos, “quando o trabalho de interpretação se conclui, percebemos que o sonho é a realização de um desejo”, não é difícil imaginarmos para quais direções os desejos da mulher representada se dirigiam em estado onírico. É o que expõe Denise Maurano (2010, p. 12-4), ao argumentar que parece “que estamos mesmo sob o império de Eros. E Eros não é apenas o deus do amor, mas, tal como propôs a psicanálise, é sobretudo a tendência à promoção de laços, tendência a estabelecer ligações”, de modo que, em conformidade ao que sonhara a protagonista em tela, “tudo vai no sentido de sanar aparentemente, apaziguar imaginariamente, as pressões que movem esse apelo feito a Eros.”

Após relatar o sonho, porém, a personagem, que fala de maneira ininterrupta, emendando assuntos sem aviso prévio, se queixa da Igreja, da Bíblia, dos Papas, e de todo o cerceamento comportamental imposto pela religião: “Prefiro eu mesma ler a Bíblia e pensar do que leio o que me parece certo pensar [...] Certos papas, todo mundo sabe o que foram certos papas, todos infalíveis e tantos safados. Enfim, não vou falar mais nisso” (RIBEIRO, 1999, p. 15). Em tom de desabafo, continua a expor a angústia de ter de controlar os seus instintos: “já estou cansada de não dizer o que me vem à cabeça e olhe que nunca fui muito de agir assim” (*ibidem*).

Para além da angústia da personagem frente as repressões culturais de seus instintos, detalhadamente denunciadas por Freud em *O mal-estar na civilização*, é passível de análise, também, o esforço que ela faz para elaborar um discurso coerente, tentando ordenar sua narrativa em uma cadeia de sentido, ainda que seja traída pela

própria linguagem: “Não era assim que eu queria começar, não era assim”, “Enfim, não vou falar mais nisso”, “já estou cansada de não dizer o que me vem a cabeça”.

Ao longo de sua fala, ela se “esquece”, “engana”, “equivoca”, se arrepende do que diz, e revela, na própria linguagem, o que lhe escapa, lhe é estrangeiro, e fala por ela:

Meu método de exposição é a digressão. Eu sei que estou muito longe de estar senil. Evidente que eu delirei um pouco, mas eu sempre delirei, e São Gonçalo me fascina, eu tinha razão em lembrar o sonho. Claro, é por causa do título. Tire isso da gravação. Aliás, não, depois você tira tudo da gravação, a gravação inicial só começa quando eu disser. Não tire nada agora. Deixa que eu tiro, quando você passar tudo para o papel. É melhor, vamos deixar fluir, depois eu faço a triagem, boto ordem etc. Não sei nem por que este... Como é o nome disto, que nós estamos produzindo? Vamos dizer, um depoimento socio-histórico-lítero-pornô, ha-ha. (RIBEIRO, 1999, p. 17).

O método de exposição através da digressão, pelo o qual diz e segue a narradora da obra ficcional em estudo, é similar ao método da *associação livre* desenvolvido por Freud para com seus pacientes, os quais eram encorajados a dizer tudo o que viesse à sua mente, inclusive lembranças de sonhos, tão rememorados pela personagem em questão.

Para Daniele John (2015, p. 93), no divã, o discurso “tende a ser fragmentado, alusivo, desordenado, cheio dos volteios característicos de uma temporalidade heterogênea”, assim como o relato da idosa representada por Ubaldo, no qual as manifestações do inconsciente parecem vir de um discurso alheio, excêntrico, que sempre encontra brechas para escapar aos domínios da consciência.

A possibilidade de se sentir livre para se expressar de qualquer maneira, expor os mais inadmissíveis pontos de vista, e tratar sobre os assuntos mais abjetos, sem censuras ou julgamentos, também são características das narrativas encontradas na clínica psicanalítica e verificada no discurso dessa personagem: “Sou fixada na fase oral, fase oral canibalista certamente, adoro qualquer forma de ingestão. Nessa época, eu já estava bem fixadinha, hoje isso é perfeitamente claro. Não sou chegada à psicanálise” (RIBEIRO, 1999, p. 24).

Ainda que se aproprie, com as devidas brincadeiras e distorções, da terminologia técnica cunhada pela psicanálise no momento de falar de si (“sou fixada na fase oral”), a idosa representada por Ubaldo (1999, p. 142) insiste em negar Freud e o seu legado teórico de maneira passional: “[os psicanalistas] Nunca provaram efetivamente nada e nunca geraram nada de aproveitável além de uns dois filmes de Woody Allen, mas estão aí para ficar, sempre estarão, como as cartomantes e videntes e conselheiros sentimentais”.

Para Freud (2011, p. 259), acusações deste tipo eram injustas, ainda que frequentes. O liame em que posicionara a psicanálise, entre a medicina e a filosofia, era percebida, por ele, como um forte contribuinte para a marginalidade de sua prática, visto que ela passava a ser recebida com ressalvas tanto por médicos quanto por filósofos. Os primeiros a considerava meramente especulativa, sem rigor científico, ao passo que os segundos acreditavam que ela partiria de premissas impossíveis e reprovavam seus conceitos principais.

Já para Elisabeth Roudinesco (2000, p. 77), os que acusam a psicanálise de se estruturar em fundamentos frágeis, em geral são os mesmos que acreditam que a infelicidade está inscrita em genes e neurônios, recaindo no imbróglio de acreditar que o nosso destino psíquico está todo decidido de antemão. Desconsideram que “cada sujeito tem uma história singular, e esta o faz reagir diferentemente de outros em situações idênticas”. Assim, “a psicanálise foi a única doutrina psicológica do fim do século XIX a associar uma filosofia da liberdade a uma teoria do psiquismo. Ela foi, de certo modo, um avanço da civilização contra a barbárie” (*ibidem*, p. 70).

Barbárie que se desvela por entre as confissões da mulher representada em *A casa dos budas ditosos*, para quem os ditames da civilização parecem não ter vigorado no que se refere à esfera da sexualidade: “Em relação a irmão, posso dar meu testemunho pessoal, eu comi muito Rodolfo, meu irmão mais velho, até ele morrer a gente se comia, sempre achamos isso natural” (p. 53); “Olhando pra trás, vejo que Deus sabe mesmo o que faz, porque eu não ia dar para mãe, ia ser uma mãe horrenda e talvez até comesse meu próprio filho” (p. 52); “Quando cheirava, já fiquei excitada vendo a foto de uma mulher muito bonita chupando o pau de um cavalo e já pensei muito em dar para um jegue” (p. 127); “Como ela me chupava! Mulher sempre chupa xoxota muito melhor do que homem” (p. 137); “Eu sei que achava o meu pai o maior tesão e tinha ciúmes dele e raiva dela e talvez tenha sido por isso que eu tenha feito aquilo com meu tio Afonso” (p. 75); “Quando tio Afonso me sentou no colo e ficou de pau duro, eu ainda devia ter uns doze ou treze anos e o filho da puta ficou de pau duro comigo no colo, mas eu deixei” (p. 83).

A quebra de regras sexuais culturalmente impostas, na perspectiva de Maurano (2010, p. 53), “fazem com que o proibido seja tomado como a ‘Coisa’ que falta para a plenitude do sujeito. ‘Coisa’ esta que é, na verdade, impossível, mas que, quando posta como proibida, deixa a esperança de ser atingida através da transgressão”.

Nesse contexto, ao tratar da cultura, Freud assevera que a civilização humana está apoiada, de um lado, nos domínios das forças da natureza e, de outro, na restrição de nossos instintos:

Escravos acorrentados carregam o trono da rainha. Entre os componentes instintuais assim aproveitados, os instintos sexuais – no sentido mais estrito – sobressaem pela força e selvageria. Ai se fossem libertados! O trono seria derrubado e a soberana, pisoteada. A sociedade bem o sabe – e não quer que se fale disso. (FREUD, 2011, p. 262).

Acusado de, por trazer essas questões à tona, levantar a bandeira em favor de manifestarmos todos os nossos instintos, Freud (ibidem) se defende: “a psicanálise jamais se pronunciou a favor da liberação dos instintos socialmente perniciosos; pelo contrário, advertiu e recomendou melhoras”. Por outro lado, critica o alto ideal de moralidade (restrição dos instintos) exigido pela civilização, visto não considerarem o quanto pode ser difícil, para o indivíduo, seguir tantas obediências – obediências essas que, alega ele, dificilmente serão recompensadas. Sendo assim, “a psicanálise desvela as fraquezas desse sistema e recomenda sua alteração. Ela propõe que se reduza a severidade da repressão instintual e que se dê mais ênfase à veracidade” (FREUD, 2011, p. 263).

Apesar disso, o discurso da referida protagonista de Ubaldo, ao menos no que se refere à psicanálise, possui dificuldades de ir para além do que fora calcificado no senso comum:

Ouvido de aluguel sempre teve um grande mercado, a Igreja tem sacadas geniais, vamos reconhecer, a confissão auricular foi uma delas. Freud não chegou a substituir isso, nunca será suficiente e, além do mais, não se pode perdoar o progenitor do maior acúmulo de asnicas labirínticas jamais despejado sobre a Humanidade e de bichas francesas que não entendem o que elas próprias escrevem (RIBEIRO, 1999, p. 143).

Quando se deparava com esse tipo de reação, Freud (2011), além de argumentar que a negação tende a ser a defesa para algo que é afirmado no plano do inconsciente, ponderava que, aqueles que se opunham de maneira tão agressiva a sua prática, estavam sendo movidos por determinações afetivas, e não intelectuais. Isso porque, as teorias sobre a sexualidade infantil e as que dizem respeito sobre o complexo de Édipo foram outros importantes fatores, na perspectiva de Freud (FREUD, 2011, p. 264), para que se indispussem como a psicanálise:

enfureceram-se quando a psicanálise quis levantar o véu de amnésia da sua infância. Houve apenas uma saída: o que a psicanálise afirmava tinha que ser falso, e essa suposta nova ciência devia ser uma urdidura de fantasias e distorções. As poderosas resistências à psicanálise não eram de natureza intelectual, portanto, e se originavam de fontes afetivas.

Não por acaso, a idosa representada por Ubaldo, em meio a seus relatos e devaneios, começa a se questionar: “Será que estou fazendo psicanálise? Pavor, ouvido de aluguel, pavor. Bem, de certa forma, você e esse gravador são ouvidos de aluguel”. E o medo de reconhecer que sente a necessidade de falar e de ser ouvida, no ato da fala, acaba por escapar-se e termina por ser aceito. Nesse sentido, Goldenberg (2006, p. 35) acrescenta que “quem se dirige a mim o faz decerto para comunicar-me algo, mas também, e fundamentalmente, para mandar uma carta a si mesmo”.

Ao corroborar essa linha de raciocínio, Cesarotto & Leite (1992, p. 76), a respeito da análise psicanalítica, pontua que:

A pessoa termina por ‘confessar’ o que sempre soube mas não queria aceitar. Ela termina, também, por não receber o oráculo que revelaria sua última verdade. Porque, mais que respostas, descobre seus próprios enigmas e percebe que a chave para decifrá-los é sua própria história.

Ainda que a contragosto, a narradora de *A casa dos budas ditosos*, enfim, admite: “A gente fica a mesma e não fica a mesma. Ih, chega, preciso botar alguma ordem nisto e até os delírios precisam ser pelo menos um pouco organizados sob algum critério, é preciso dar método à loucura”. (RIBEIRO, 1999, p. 25).

E Freud concordava com ela.

Considerações

Para muito além da obra *A casa dos budas ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro, está o desdém e o desmerecimento dos que insistem em negar as contribuições de Freud e da prática psicanalítica para a compreensão dos sujeitos e das civilizações que se estruturam em torno dos ideais da modernidade.

Como observamos ao longo desta oportunidade, discursos que tentam deslegitimar os saberes inicialmente constituídos por Sigmund Freud, não tardam a cair em contradição e reforçar as defesas apregoadas pela própria psicanálise.

Com o mérito de expor esses paradoxos e contradições, tão comum ao sujeito freudiano, João Ubaldo Ribeiro nos deixou uma obra capaz de representar o humano dentro de suas hipocrisias, mazelas, inseguranças, desejos, maledicências, rabugices, intransigências, medos, dissimulações, mentiras, egoísmos, volúpias e traições.

Sua narradora personagem, na tentativa passional de negar a psicanálise, legitimou-a. Expôs a necessidade que tem o sujeito contemporâneo de se expressar, falar de si,

comunicar-se com o outro, dizer de suas angústias, exorcizar suas culpas, confessar seus pecados, permitir-se o erro para, só então, reconhecer-se humano.

Contraditória e, por isso mesmo, coerente, *A casa dos budas ditosos* restaura a ideia de que a liberdade do homem só pode ser experienciada através da sua fala, ao provar que os destinos dos sujeitos não se restringem ao seu ser biológico. Obra pornográfica da literatura brasileira, ela cumpre o papel de resistir contra as pretensões obscurantistas que reduzem o homem a figura da máquina, os pensamentos a neurônios e os desejos a secreções químicas.

Referências

- BORCH-JACOBSEN, Mikkel. In: MEYER, Catherine (Org.). **O livro negro da psicanálise**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2014.
- CESAROTTO, Oscar & LEITE, Márcio Peter de Souza. **O que é psicanálise**. São Paulo : Brasiliense, 1992.
- DOLTO, Françoise. **Quando os pais se separam**. Rio de Janeiro : Zahar, 2011.
- FREUD, Sigmund. “As resistências à psicanálise”. In: **Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Tradução Paulo César de Souza – São Paulo : Companhia das Letras, 2011.
- _____. “O romance familiar do neurótico”. In: **Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na *Gradiva*, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros (1906-1909)**. Tradução de Paulo César de Souza – São Paulo : Companhia das Letras, 2015.
- _____. **Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria**. Tradução Laura Barreto. São Paulo : Companhia das Letras, 2016.
- _____. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Walderedo Isamael de Oliveira. Rio de Janeiro : Imago, 2001.
- GOLDENBERG, Ricardo Davi. **Política e psicanálise**. Rio de Janeiro : Zahar, 2006.
- JOHN, Daniele. **Reinventar a vida**. São Paulo : Ideias & Letras, 2015.
- KEHL, Maria Rita. “Minha vida daria um romance”. In: BARTUCCI, G. (Org.). **Psicanálise, literatura e estéticas da subjetivação**. Rio de Janeiro : Imago, 2001.
- MAURANO, Denise. **Para que serve a psicanálise?** Rio de Janeiro : Zahar, 2010.

RIBEIRO, João Ubaldo. **A casa dos budas ditosos**. Rio de Janeiro : Objetiva, 1999.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro : Zahar, 2000.

_____. **O paciente, o terapeuta e o Estado**. Rio de Janeiro : Zahar, 2005.